

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO A PARTIR DO “FALAR-DE-SI” TRAVESTI⁶

THE CONSTRUCTION OF GENDER IDENTITY THROUGH THE “TALK-ABOUT-ITSELF” TRANSVESTITE

RAÍSSA RODRIGUES DE CARVALHO⁷

raissacarvalho.psi@gmail.com

Resumo: *Com foco na identidade de gênero e como ela se articula e se relaciona com a vivência da sexualidade de acordo com o imaginário (por meio das relações de linguagem), este artigo está embasado na teoria da Análise de Discurso e na Psicanálise. Na tentativa de explorar condições que podem estar relacionadas à instituição e manutenção do gênero, o projeto-documentário “A esquina de Monalisa” constituiu o corpus analítico da pesquisa, por meio da qual pôde-se notar a importância do outro e sua posição enquanto elemento constituinte do sujeito, seu papel nas relações de linguagem e concepções acerca do gênero. Observou-se ainda que o trabalho é uma ferramenta por meio da qual o sujeito se vê participante das relações de poder. Finalmente, a noção binária, unívoca e causal entre sexo/gênero/desejo tende a implicar nas interpretações de gênero, mantendo estereótipos e fortalecendo, “subversivamente”, “identidades” que o padrão sócio-normativo produz e mantém – negando existir.*

Palavras-chave: *discurso; Psicanálise; identidade de gênero; sujeito; travesti;*

Abstract: *Focused on gender identity and how it articulates and relates to the experience of sexuality according to the imaginary (through language relations), this article is based on the Discourse Analysis theory and Psychoanalysis. In attempt to explore conditions that may be related to the institution and maintenance of gender, the documentary project “A esquina de Monalisa” constituted the analytical corpus of this research, through which it was possible to notice the importance of the other and his position as constituent element of the subject, its role in language relations and conceptions about gender. It was also observed that the work is a tool through which the subject is participant of the relations of power. Finally, the binary,*

6 O artigo é resultante da segunda fase da pesquisa de Iniciação Científica “Imaginários da Sexualidade”, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Nogueira (PPGCL UNIVAS).

*O blog mencionado e com título suprimido no texto é o “Imaginários da sexualidade: discurso e psicanálise - notas de pesquisas em andamento”;

7 Psicóloga graduada pela Universidade do Vale do Sapucaí em 2019, sendo que a pesquisa foi desenvolvida durante o período de graduação e pertence às áreas de concentração Psicanálise e Análise de Discurso. Os estudos foram desenvolvidos com o incentivo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

univocal and causal notion between sex/gender/desire tends to imply in gender interpretations, maintaining stereotypes and strengthening, "subversively", "identities" that the socio-normative pattern produces and maintains - denying its existence.

Keywords: *discourse; Psychoanalysis; gender identity; subject; transvestite;*

Introdução

O presente artigo está vinculado à segunda fase da pesquisa de Iniciação Científica “X (a ser especificado após a avaliação pelos pares)” – projeto iniciado em 2016 e que buscou investigar os sentidos e o papel da sexualidade e suas articulações que permeiam o imaginário social na contemporaneidade.

Partindo da ideia de que a linguagem dá corpo e sentido às manifestações subjetivas e sociais, foram analisados recortes de obras veiculadas pela mídia levando em consideração a Análise de Discurso, a Psicologia e a Psicanálise. Além disso, foram compartilhadas notas de estudo por meio de uma plataforma virtual, que é o blogue “X (a ser especificado após a avaliação pelos pares)”. Este blogue reúne leituras, vídeos e materiais utilizados e discutidos entre as participantes no decorrer das duas fases da pesquisa.

Com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, a segunda fase deste projeto tomou como foco a identidade de gênero e como ela se articula e se relaciona com a vivência da sexualidade de acordo com o imaginário – que funciona nas relações de linguagem. Buscamos, desta forma, estudar e explorar as situações e condições que podem estar relacionadas à instituição e manutenção do gênero, sempre considerando a constituição da identidade de gênero e como o sujeito se constitui na linguagem.

Nesta etapa da pesquisa, o projeto-documentário *A esquina de Monalisa* constitui o *corpus* de análise: foram recortadas cenas do documentário – que dá voz a cinco travestis de Botucatu - SP – a fim de estudar, a partir do “falar-de-si”, como estas se significam enquanto sujeitos em e de seu discurso.

Fundamentando-nos na teoria da Análise de Discurso, buscamos entender, a partir do discurso das travestis participantes do referido documentário, as articulações e condições que constituem e mantêm a identidade – especialmente a de gênero, e como se significam enquanto sujeitos em e de seu discurso.

Observa-se, neste foco teórico, que o sujeito não se resume somente ao que diz sobre si e demais temas que o cercam - mas também àquilo que não diz, e os contextos nos quais estão inseridos: ele próprio e o discurso. O discurso, enquanto constituído com/para/pelo e junto ao sujeito, traz elementos históricos, ideológicos, culturais, econômicos, religiosos e políticos inerentes a ele, pois ambos integram igualmente estes contextos (históricos, culturais, sociais...). Não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito sem ideologia, como discorre Orlandi (2010).

Ainda é importante lembrar que, na confecção deste artigo, levaram-se em conta também as concepções da binaridade e dicotomia que prevalecem diante das noções de gênero, conforme Butler (2016). A matriz sócio-normativa das relações causais de gênero/sexo/desejo fortalece o que a autora chama de “heterossexualidade compulsória”, além de promover uma noção de que algumas identidades seriam, de alguma forma, subversivas, uma vez que não correspondem a tais padrões.

Estes padrões equivalem ao que a autora denomina “gêneros inteligíveis”, relação causal em que o gênero seria, obrigatoriamente, decorrente do sexo (anatômico) e, o desejo, resultante do sexo e, portanto, do gênero. Aquilo que estiver fora desta matriz tende a ser considerado às margens da patologia e degenerescência, “proibidos” de existirem, “silenciados”. Estas noções também nos despertaram uma associação ao dispositivo da sexualidade, discutido por Foucault (1976).

Além disso, estudos paralelos em cumprimento às disciplinas do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Sapucaí auxiliaram na busca da compreensão do sujeito, principalmente concepções pertencentes à Psicanálise.

APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE PESQUISA

A esquina de Monalisa é o nome de um projeto realizado na cidade de Botucatu, São Paulo, sob a iniciativa de Rodrigo Casali. A partir de pesquisas, leituras, entrevistas e trabalhos em equipe, foram confeccionados livro e vídeo documentários a respeito da questão da identidade e representação travestis (utilizando o método de pesquisa em história oral⁸), tendo sido ambos lançados no dia 25 de janeiro 2013. O projeto teve o apoio do Programa de Ação Cultural (PROAC), da Coordenadoria Estadual de Políticas Públicas para a Diversidade, da Secretaria Estadual da Cultura, Secretaria Municipal de Saúde, Prefeitura Municipal de Botucatu e também da Revista Ethos.

O documentário⁹, corpus de análise utilizado neste artigo, retrata um pouco da rotina, vida pessoal, profissional e amorosa de cinco travestis de Botucatu - SP: Viviana, Michelli, Vivian, Carlinhos e Babi.

Todos estes sujeitos participantes da pesquisa possuem suas peculiaridades, inclusive em seu pensamento sobre o que é ser, de fato, travesti. Vê-se como a identidade e a representação não são fatores isolados, mas sim articulados em um processo de constantes construções dependentes de questões sociais, históricas, ideológicas, econômicas, culturais, psicológicas, emocionais e afetivas de cada sujeito. Esses processos, ainda, são sempre articulados e se dão pela/na linguagem, que é uma mediadora por meio da qual o sujeito se significa e é significado. A seguir, serão brevemente apresentadas as participantes do projeto e suas concepções e/ou vivências de gênero e suas articulações.

Michelli, por exemplo, atua como técnica de enfermagem em um hospital universitário de Botucatu e, conforme ela verbaliza, valoriza em primeiro lugar sua profissão e o amor de sua mãe (ela inclusive se emociona, em determinado momento, ao falar da mãe como a pessoa que “sempre lhe deu amor e carinho”). É nesse lugar que ocupa profissionalmente que ela se enxerga e se significa como pessoa, como frisa ao dizer que “a enfermeira Michelli é mais importante que a Michelli travesti” (CASALI, 2012, p.10).

Carlinhos, por sua vez, deixa clara a importância da religião em sua vida e em como ele se vê. O Candomblé foi a única religião em que se sentiu aceito e, ao se autodenominar “pai” de santo e utilizar seu nome normalmente, mesmo que goste e se vista de forma dita “feminina”, demonstra singularidade em relação às demais participantes. A interpretação e vivência de seu

8 Metodologia de pesquisa decorrente da realização de entrevistas gravadas com testemunhas/pessoas que possam contribuir com critérios preestabelecidos pelo objetivo de algum projeto já existente.

9 Vale ressaltar que, durante a pesquisa a que se refere este artigo, foram utilizados recortes de falas das participantes do documentário que já estão transcritos no livro do mesmo autor do documentário que organizou o projeto em forma de vídeo documentário e também em livro – ambas as obras estão disponíveis no blogue que reúne materiais e informações sobre o projeto.

“gênero” vai além da binaridade esperada socialmente – quanto a exercer uma personagem dita ou feminina ou masculina, somente. Tal assunto se refere às menções de Butler (2016) a respeito da univocidade do sexo e do gênero e as relações causais entre sexo/gênero/desejo e será retomado no decorrer do artigo.

Babi é uma profissional do sexo e, segundo ela, decidiu ser travesti porque era muito difícil ser um “gay afeminado”. Ela acredita que, como travesti, sofre menos preconceito do que sofreria se continuasse de tal forma. Babi também diz que prefere trabalhar com programas porque já sofreu discriminações nas empresas onde trabalhou por ser travesti.

Vivian afirma ter “vestido uma armadura” na tentativa de não se abalar com o preconceito e as dificuldades de ser travesti. Ela trabalha como agente de saúde no programa de DST/AIDS, levando informações sobre as doenças aos moradores das periferias de Botucatu, a fim de promover maior prevenção por tais comunidades. Também realiza trabalhos de promoção social e de saúde para populações em situação de risco e vulnerabilidade social. Poder exercer esse trabalho e trazer ganhos à sociedade a faz se sentir “uma cidadã completa”, como expressa no livro-documentário organizado por Rodrigo Casali (2012, p. 39).

Viviana é diarista e também trabalha como cabeleireira. Ela relata sua dificuldade em assumir a travestilidade¹⁰, o que considerava ainda mais difícil do que ter se assumido como homossexual à família. Como bem lembra parte dos dizeres de Viviana, a travesti, diariamente, lembra a sociedade que a identidade vai além da sexualização dos corpos – simplesmente pelo fato de existir e ser quem é.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO

A formação da identidade está ligada a diversos fatores e, na Psicologia, é estudada de diferentes formas de acordo com suas abordagens. Considerando a Psicanálise e o nó borromeano de Lacan retratando a “tríplice aliança” – uma relação simultânea do Real, do Imaginário e do Simbólico, o sujeito é constantemente afetado pelas ordens do inconsciente, da linguagem e da ideologia (FERREIRA, 2010).

Neste contexto, ele se vê refém de um jogo de identificações – seja no âmbito familiar, social, cultural, histórico, econômico e ideológico, sendo apresentado constantemente a ideais identitários e, a partir de sua identificação com tais ideais, moldam-se seus desejos, crenças, participação em grupos sociais e religiosos. Tão cedo recebe um nome pelo qual atende e, em breve, vê-se acometido a se identificar com a ideologia dominante. O Outro, nesta perspectiva relacional, é considerado um referencial, uma forma de possibilitar a formação da identidade a partir de tais laços identitários, estruturados pela relação entre sujeito e significante – sendo o significante qualquer elemento isolado que possa vir a ter um sentido ou significado, quer seja uma imagem ou até mesmo um gesto, desde que se articule a uma estrutura combinatória de representações (STARNINO, 2016; SOLER, 2004 apud STARNINO, 2016)¹¹.

Assim sendo, o sujeito tem as referências do que é feminino e masculino a partir do outro. Em geral, primeiramente, daqueles que exercem a função paterna e materna (embora a constituição familiar e tais funções não sejam, obrigatoriamente, preenchidas por “um homem” e “uma mulher” – o que é tradicionalmente associado ao masculino e ao feminino, respectivamente), em seguida, junto à cultura, à linguagem, ao discurso... participando das

10 Hábito de vestir-se com roupas e acessórios tradicionalmente associados a um gênero diferente, não condizente ao sexo biológico do sujeito (considerando o gênero como fenômeno binário e dependente do sexo). Referido no DSM-5 (APA, 2014) como *travestismo/cross-dressing*.

11 SOLER, Colette. **Ce que Lacan disait des femmes**. Paris: Éditions du Champ Lacanien, 2004.

relações de identificação (TOLEDO, 2018). Nesse sentido, mesmo que o sujeito não “concorde” ou “aja” da mesma forma que o outro, ele necessita desta referência – para dizer que “não sou” determinada coisa, primeiramente alguém me disse que “sou”, esta “coisa” foi atribuída a mim de alguma maneira. É a partir da igualdade que nos diferenciamos (TOLEDO, 2017).

Considerando tais fatores sociais, religiosos, psicológicos, simbólicos, históricos, políticos e ideológicos, o que é, afinal, “ser mulher”? O que é vestir-se de forma dita feminina? O que é “sentir-se feminina”? Que fenômenos – sociais, culturais, religiosos, ideológicos, históricos, discursivos... – se articulam para contribuir com a ideia de que o que não é masculino (afinal, o que seria, então, masculino?) é, obrigatoriamente, feminino?

Tal “obrigatoriedade” parte da binaridade biológica quanto aos sexos (macho/fêmea) e a atribuição genérica de tal condição quanto à vivência sexual dos sujeitos, atrelando assim toda a “nebulosa da sexualidade”, como nomeia Cavalcante (2014), a tal fator biológico – concepção causal descrita por Butler (2016) como “gêneros inteligíveis”. Desta forma, todos aqueles que exerçam “comportamentos na esfera sexual” contrários (conforme o que se tem construído socialmente) à sua condição sexual biológica estariam nos limites patológicos – como, por exemplo, os transtornos de identidade sexual e de gênero descritos na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5, quanto às disforias de gênero ou em relação ao transtorno transvêstico, incluso entre os transtornos parafilicos. Vale ressaltar que o manual também destaca como critério diagnóstico um forte sofrimento que os “sintomas” estabelecidos causem ao indivíduo ou prejuízos à sua vida (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). É válido ressaltar que os Manuais Diagnósticos e Estatísticos de Transtornos Mentais costumam ser orientadores clínicos para a Psiquiatria e algumas áreas da Psicologia e Psicanálise, embora algumas vertentes – tal como a Psicanálise Lacaniana – possuam algumas críticas com relação a eles.

Esta atenção majoritariamente patológica acerca da sexualidade e da “identidade sexual” advém de uma concepção sócio-normativa de sexo-gênero, que naturaliza, padroniza e reforça a matriz binária heterossexual e a heterossexualidade compulsória, pressupondo uma relação causal e de dependência entre o sexo, o gênero e o desejo. Além disso, tal suposição implicaria que o desejo seria uma expressão do gênero ou que o gênero refletiria o desejo, mantendo uma relação contínua através da prática sexual. Butler (2016, p. 43) nomeia essa concepção “coerente, contínua e causal” entre tais fenômenos como “gêneros inteligíveis” – como mencionado anteriormente, pois corresponderiam, então, às normas de inteligibilidade instituídas e mantidas socialmente, enquanto gêneros outros que não se conformam às “normas institucionais do sexo” e estariam às margens da degenerescência e da patologia (BUTLER, 2016).

APONTAMENTOS SOBRE A TEORIA E A METODOLOGIA DA ANÁLISE DE DISCURSO

Neste tópico, expõem-se, de maneira breve, os principais conceitos da Análise de Discurso presentes nas análises empreendidas neste artigo. O estudo se baseou em textos e artigos produzidos na área de Análise de Discurso, abordagem teórico-metodológica esta que tem como propósito observar o sujeito do discurso e como ele se significa na e pela linguagem – a produção de seus sentidos no discurso, levando em consideração a ideologia e a história: a linguagem só faz sentido porque está inscrita na história, assim como o sujeito que a produz.

Eles (sujeito e sentido) se constituem, dessa forma, de maneira interdependente (ORLANDI, 2010).

De acordo com Orlandi (2010), o discurso é uma produção sócio-histórica que constitui e, simultaneamente, é constituído com/pelo sujeito, visto que ambos estão inseridos em determinado contexto histórico, ideológico, social e cultural. Desta forma, a autora também ressalta a característica opaca da linguagem, já que, uma vez que cada interlocutor/sujeito possui determinada carga histórica/ideológica/econômica entre outros, não é possível que os sentidos atribuídos sejam interpretados e compreendidos de forma pura, transparente, por diferentes interlocutores. Dito isto, o sujeito do discurso é, também, afetado/determinado pela ideologia e pela ordem do inconsciente.

Ainda de acordo com a autora, o discurso é a materialidade da ideologia e, a língua, é a materialidade do discurso. Por este motivo, a Análise de Discurso trabalha a relação entre língua-discurso-ideologia, refletindo sobre como a ideologia se manifesta na língua. O sujeito não possui uma relação direta com o mundo, senão pela mediação do discurso e seu caráter ideológico (ORLANDI, 2010).

A partir disto, trabalhamos, no presente artigo, com a noção de Interdiscurso - também explorada pela autora. O interdiscurso diz respeito à memória discursiva, àquilo que foi falado antes, em outro momento e lugar, ou seja, tudo que já foi dito sobre determinado assunto, seus sentidos e significados, atuam sobre o que se é dito “agora”. O que dizemos convoca sentidos de outrora, além de tudo que era atribuído àquele sentido: história, cultura, ideologia (ORLANDI, 2010).

Ainda, é importante ressaltar como atua a relação entre o imaginário e o real na concepção da Análise de Discurso. O real se refere à incompletude, à contradição, à descontinuidade, enquanto o imaginário representa a unidade, completude, coerência. Desta forma, o discurso é regido pela força do imaginário e da completude, o que nos leva à noção discursiva de antecipação: o sujeito busca antecipar qual efeito suas palavras produzem no interlocutor, e, assim, agirá de acordo com o sentido que pensa estar produzindo ao ouvinte a partir de sua fala.

Tal mecanismo repousa no que Orlandi (2010) chama de formações imaginárias, referindo às imagens que os sujeitos representam socialmente, não equivalentes ao sujeito ou lugares físicos que ocupa, mas às projeções dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Essas imagens constituem as posições discursivas – posições estas que foram alvo desta pesquisa.

Além disso, o lugar de onde o sujeito fala é constitutivo do que ele diz, ou seja, seu lugar de fala também influencia nos sentidos daquilo que ele diz: aquilo que é dito por um padre significa mais do que se dito pelo fiel, por exemplo. Esta noção, chamada por Orlandi (2010) de relações de força, diz respeito à hierarquização – associada também às relações de poder, discutidas por Foucault (1976).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

A noção de formação imaginária, segundo Pêcheux (1997), é um pressuposto para todo o processo discursivo. Para ele, os sujeitos que compõem o discurso, denominados como elementos A e B, não são apenas pessoas físicas, empíricas, mas são sujeitos marcados social, histórica e ideologicamente. Dessa maneira, A e B representam lugares determinados na estrutura de uma organização social, sendo que cada sujeito enuncia a partir dos lugares sociais

que ocupa e que podem ser explicados a partir das características que os constituem, conforme estão/são representadas nessa constituição.

No processo discursivo, ocorre uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. É nesse sentido que afirmamos acima, a partir de Orlandi (2010) que o que determina a constituição do discurso é a antecipação imaginária dos lugares ocupados por cada sujeito. Considerar a posição dos protagonistas do discurso no jogo de formações imaginárias, conforme estabeleceu Pêcheux (1997), é considerar, dentre as diversas questões abordadas pelo autor (tais como aquelas relacionadas ao referente/assunto e aos sujeitos que compõem o discurso), as seguintes (possíveis) relações: i. a imagem do lugar de quem fala sobre si mesmo refere-se à indagação: *Quem sou eu para que lhe fale assim?*; ii. a imagem do lugar do ouvinte para o sujeito que fala corresponde à indagação: *Quem é ele para que me fale assim?*; iii. a imagem do lugar do ouvinte em relação a si próprio se traduz na pergunta: *Quem sou eu para que ele me fale assim?*; iv. a imagem do lugar do falante para o sujeito ao qual o discurso é dirigido se coloca no questionamento: *Quem é ele para que eu lhe fale assim?*. Nessas relações, ainda estão presentes: a imagem que A possui acerca de si e do assunto, assim como sobre o destinatário B; a imagem que A imagina que B faz dele próprio (destinatário B), dele (enunciador A) e do referente (assunto) e a imagem que A gostaria que B fizesse dele próprio (destinatário B), de si mesmo (enunciador A) e do referente.

O jogo imaginário produz diferentes efeitos de sentido em um processo discursivo e vale dizer que essas formações imaginárias estão presentes em todo esse processo. As formações imaginárias não se constituem ou são discursivizadas a partir de um “sujeito empírico”, mas elas se dão a partir de imagens do que possivelmente o sujeito do discurso simboliza no/do real. Isto nos faz levar em conta, sempre, qual o lugar social ocupado pelo sujeito do discurso, o interdiscurso, as condições de produção e o fato de que um discurso está sempre em relação com um outro discurso existente, possível ou imaginado (NOGUEIRA, 2017). É assim que procuramos pensar, analisar como se constroem os discursos aqui analisados em torno da identidade de gênero.

OS “TEMAS” NOS FALARES-DE-SI DAS TRAVESTIS: FAMÍLIA, RELIGIÃO E TRABALHO

Percebeu-se considerável recorrência discursiva a respeito de determinadas questões no documentário *A esquina de Monalisa*. Pode-se ressaltar a predominância de discursos que permeiam a relação das travestis com suas respectivas famílias, religião e trabalho. Serão transcritos no decorrer deste artigo recortes temáticos¹² a respeito de tais assuntos e a descrição de elementos pertinentes na realização de uma análise discursiva.

Serão destacados, nos próximos tópicos, os três trajetos temáticos recorrentes e suas respectivas análises, sendo eles: a família, a religião e o trabalho. Pode-se considerar que estes âmbitos são referenciais para a constituição do sujeito e sua identidade, inclusive interpretações acerca das concepções de gênero – visto que, como abordado anteriormente, é a partir da relação com o outro e com o meio que o sujeito é inserido na linguagem, na cultura, na Lei. É por meio

12 Com “recortes temáticos”, referimo-nos ao gesto de leitura que fazemos de certos trajetos temáticos a partir dos “falares-de-si” desses sujeitos travestis. Benevides (2013) retoma o pensamento foucaultiano do “falar-de-si” como confissão, de maneira mais genérica, atribuída à admissão, declaração ou ao fato de atestar algo sobre si mesmo.

da relação com o outro que ele atribui significado às próprias percepções e recebe um nome, pelo qual deve responder e é reconhecido socialmente (STARNINO, 2016).

A família

Com relação à família, primeiro trajeto temático constituído pelo nosso gesto de leitura, destacaram-se:

Recorte 1:

Mas tinha o fato d'eu querer ser feminina, e isso também me deixava com medo... Porque até então a minha família me aceitar como... como gay era uma coisa, de repente começar a me aceitar como travesti era outra... (Viviana, 5:40)¹³

Viviana, aparentemente, temia a reação de sua família a partir do momento em que apresentasse comportamentos e hábitos sociais considerados femininos. A orientação sexual não se mostra um problema para a travesti com relação à aceitação de sua família, mas sim ter sua figura – fisicamente “masculina”, associada a atributos “femininos” (querer ser feminina/aceitar como gay/aceitar como travesti).

A “verdade do sexo”, questionada por Foucault (1976), perpassa o discurso através das práticas reguladoras quanto às categorias de sexo e suas funções. É importante ressaltar sua fala sobre “querer ser feminina”, que traz novamente a noção binária/dicotômica de que, aquilo que não é “adequadamente masculino”, obrigatoriamente, deve ser feminino – remetendo à condição unívoca e às relações causais e contínuas de sexo e gênero, também discutidas por Butler (2016).

Mais à frente, ainda no documentário, Viviana fala novamente sobre a família e a travestilidade:

Recorte 2:

Eu tive mais medo de assumir meu lado travesti do que assumir meu lado homossexual, porque... ah... na... na minha cabeça... a minha fa... a minha família aceitou o fato d'eu ser homossexual, mas não ia aceitar, assim, o fato d'eu ser travesti, porque a minha mãe mesmo dizia que ela... eu ser homossexual não ia influenciar... a minha vida, assim [...] Não ia influenciar de uma forma tão, é... significativa, assim, tão pesada. (Viviana, 11:25)

Em ambos os fragmentos (recortes 1 e 2), ela utiliza a palavra “medo” (querer ser feminina deixava com medo/mais medo de assumir seu lado travesti), medo este aparentemente relacionado ao que a família poderia pensar/fazer com o fato de “querer ser feminina”. A partir do momento em que percebeu que “queria ser feminina”, Viviana demonstra uma tentativa de ruptura com relação à figura masculina – a homossexualidade, somente, não satisfaria este seu desejo.

Esse “medo” do que o outro, em sua posição, poderia pensar sobre a travestilidade, retoma as noções de antecipação e formações imaginárias anteriormente discutidas. Sua posição, de alguém que deseja se comportar de maneira “feminina”, pode ter gerado em Viviana tal sentimento devido a uma antecipação do que poderiam concluir de sua imagem, sua projeção. Ainda destaca-se o interdiscurso, a memória: tudo aquilo que já foi dito e atribuído

¹³ Refere-se à participante e ao tempo (em minutos) correspondente ao recorte do vídeo-documentário *A esquina de Monalisa*, disponível no blogue organizado por Rodrigo Casali, vide referências bibliográficas.

às travestis estaria, de alguma forma, atuando neste jogo entre ela e os demais – a imagem que ela tem dos outros e que imagina que eles teriam dela, a partir das condições sócio-históricas de produção do discurso.

Recorte 3:

“A minha família é extremamente tradicional... É... Vamos dizer que... não que eles aceitem, mas que eles... é... respeitam. Entendeu? Aceitação dentro da minha casa é muito difícil. Inclusive até hoje eles não conseguem se dirigir a mim pelo nome feminino, sempre me chamam pelo nome masculino dentro da minha casa.” (Vivian, 31:00)

A partir desta fala de Vivian, nota-se que, para ela, a aceitação está relacionada ao reconhecimento de seu nome social (aceitação dentro da minha casa é muito difícil/sempe me chamam pelo nome masculino). Como dito anteriormente, o Outro/outro é que possibilita a constituição da identidade do sujeito, sendo que o nome é uma das mais fortes marcas do psiquismo, pois a partir dele o sujeito é reconhecido e inserido formalmente na sociedade e nos relacionamentos sociais. A adoção do nome social, neste sentido, seria uma tentativa de ser reconhecida por outrem tal qual ela mesma compreende sua identidade: alguém que tem preferência em utilizar adereços e assumir comportamentos atribuídos, geralmente, à figura feminina e seus papéis sociais. Desta forma, a recusa de a reconhecerem como “Vivian” implica como uma não aceitação de parte de sua identidade – a de gênero, neste caso.

A religião

O segundo trajeto temático da presente pesquisa é a religião, tema abordado principalmente pelo participante Carlinhos, que é pai de santo. Destacaram-se os seguintes fragmentos:

Recorte 4:

[...] Eu falava assim: se eu me assumir como gay, eu não vou poder ser nada, porque crente não pode ser, católico não pode ser, eu vou ser o quê? (Carlinhos, 9:10)

A expressão de Carlinhos, ao questionar “o que poderia ser”, demonstra uma necessidade de “ser algo” (eu não vou poder ser nada/eu vou ser o quê?), reconhecer-se enquanto sujeito em uma religião. Inicialmente, ao citar mais de uma religião, entende-se que ele somente queria “ser” – ou “católico”, ou “crente”, ou fazer parte de qualquer religião que aceitasse sua condição e, por ela, ser aceito como aquilo que é, independente de qual delas fosse. O importante, para Carlinhos, era “ser alguma coisa” no âmbito religioso, qualquer que fosse, que o proporcionasse aceitação.

Recorte 5:

Eu já era gay [...] mas, é... Não era assumido. Não, ninguém sabia... E o Candomblé me ajudou muito nisso, porque eu consegui, através do Candomblé, uma aceitação... Por que todas as religiões que eu frequentava, eu via a discriminação, a questão de falar que isso não pode, né, que isso é errado [...]. Foi diferente no Candomblé [...]. No Candomblé o importante é você. (Carlinhos, 6:00)

Apesar da polissemia, a palavra “assumir” está amplamente relacionada à noção de “confissão” e “admissão”, assim como o “falar-de-si”, anteriormente discutido no texto. Mais estritamente, ainda tratando sobre a temática religiosa bastante recorrente no discurso de

Carlinhos, podemos refletir sobre o termo como o ritual do ato confessional em si – admitir ao outro algo sobre si.

Ao dizer que “já era gay, mas não era assumido”, notamos novamente uma necessidade do reconhecimento do outro quanto ao que somos, a importância da aceitação social quanto ao “assumir-se” determinada coisa, o valor atribuído à declaração daquilo que se é: é necessário que o outro saiba – o jogo do saber e do poder, como Foucault aborda *em História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1976).

Recorte 6:

Vamos dizer que um travesti ou um homossexual, que seja, ele vai ter praticamente só o Candomblé como... como escape. Ele só tem o Candomblé como religião que aceita. (Carlinhos, 43:30)

Neste recorte, notamos o deslocamento do “escape” para “religião que aceita”: os termos se substituem, constituindo uma paráfrase (só o Candomblé como escape/só o Candomblé como religião que aceita). Ainda que os sentidos possam não ser os mesmos em ambos os casos, reflete-se sobre a possibilidade da produção do sentido de que a “aceitação religiosa” (no caso, do Candomblé) representaria um “escape” para Carlinhos. E podemos relacionar os sentidos de “escape” aqui com os sentidos de “liberdade”.

O trabalho

Seguindo para o próximo trajeto temático, a questão do trabalho, faz-se importante mencionar a recorrência do assunto durante o documentário, o que se mostrou, ainda, um aspecto fundamental no autoconceito¹⁴ e noção de identidade das participantes – com relação ao papel social e de gênero expressos a partir do trabalho. Refletimos também sobre o impacto da estabilidade (ou instabilidade) no trabalho e como isso aparece no discurso dos sujeitos. A seguir, vemos o discurso de Viviana, aos 36:30 minutos:

Recorte 7:

Eu fui buscando coisas ass... é, empregos... que... mexessem mais com a parte feminina... (Viviana, 36:30)

Sendo que Viviana é diarista e cabeleireira, nota-se como o imaginário e concepções sociais, culturais, históricas e econômicas afetam na noção de identidade do sujeito, sobretudo quando pensamos nas questões de gênero. Culturalmente, a mulher/o feminino tende a ser mais associado aos cuidados do lar e também estéticos, estereótipos associados ao que é “ser mulher”, ou seja, trata-se de algo que é social e ideologicamente construído.

Percebe-se que Viviana sente a necessidade de participar de atividades que, socialmente, são tidas como femininas. Esse “mexer com a parte feminina” (faxina e cuidados com o cabelo) seria, então, uma tentativa de ser aceita/reconhecida socialmente como “mais feminina”? Como já mencionado anteriormente, “somos” a partir do outro e de seu “reconhecimento de quem somos”, não há sujeito isolado, fora da relação com o objeto que o torna sujeito. O trabalho é uma das formas desse reconhecimento.

Dessa maneira, retomam-se novamente as noções de formações imaginárias e interdiscurso discutidas por Orlandi (2010) e a univocidade e causalidade do sexo e do gênero, abordadas por Butler (2016). A imagem que Viviana possui daquilo que é feminino para si e

¹⁴ Conjunto de pensamentos, sentimentos e características que o sujeito atribui a si próprio, como vê a si mesmo e presume que os outros o vejam, a partir de suas relações (ANDRADE, 2016).

para os outros, a partir de suas relações e contexto sócio-histórico, interferem na forma como ela se representa e se sente como “feminina”. Tudo o que já foi dito e atribuído ao “feminino” articula em suas concepções neste momento de como deseja ser e ser vista, além daquilo que o outro espera ver – ou que ela acredita que o outro espera ver.

Recorte 8:

Eu procuro, assim, não ficar levantando bandeira pra tudo: não, porque eu sou travesti, porque não sei o que... Não, eu procuro lutar pelo meu espaço, né... Eu procuro tá... tá seguindo meus objetivos, tá lutando com... é uma consequência: eu lutando pelo meu, eu tô abrindo espaço pras outras (...) estarem trabalhando junto comigo... (Michelli, 40:25)

Levando em consideração o interdiscurso e a discursividade do enunciado “levantar uma bandeira”, em um contexto sócio-cultural amplamente associado a pautas e questões políticas e ideológicas, vemos que Michelli movimenta, em seu discurso, uma noção de representatividade social. Para ela, sua presença e participação ativa enquanto sujeito travesti no mercado de trabalho é, por si só, representativa para as demais. Nota-se, ainda, que o “espaço” a que ela se refere está relacionado a seus objetivos pessoais em um possível deslocamento (procuro lutar pelo meu espaço/procuro seguir meus objetivos), além do uso recorrente e associado das expressões “lutar” e “espaço” – remetendo às dificuldades de conquistar, manter-se, representar e ser representado no trabalho. Vemos mais sobre a temática no próximo recorte:

Recorte 9:

Hoje eu me sinto mais orgulhosa: de ser quem eu sou, de ter conquistado meu espaço, enfim... Meu trabalho é a minha vida! (Michelli, 41:10)

O nono recorte demonstra o impacto da estabilidade (ou não) no trabalho como aspecto essencial à constituição e manutenção da identidade do sujeito, sobretudo o sujeito travesti e gêneros outros que não se adequem à matriz sócio-normativa que imprime, inclusive, a noção de empregos “adequados/inadequados” a determinado gênero.

Ainda, pode-se observar o deslocamento de sentidos proporcionado pelo significante trabalho, neste recorte (ser quem eu sou/ter conquistado meu espaço/meu trabalho é a minha vida). O “meu trabalho”, para Michelli, substitui, “enfim”, aquilo “que ela é” e “o espaço que conquistou”. Ela parece transferir o significado e resumir seu orgulho de ser quem é e seu espaço à conquista e manutenção do trabalho.

Ao pensarmos sobre o que não foi dito no discurso de Michelli – nos recortes 8 e 9 deste trabalho, poderíamos questionar alguns pontos: o que é, afinal, o “espaço” a que Michelli se refere? Seria meramente um espaço no mercado de trabalho (aspecto mais abordado por ela neste caso) ou um espaço social para “ser quem ela é”? Ela se sentiria menos orgulhosa de “ser quem é” se não exercesse tal trabalho? Até que ponto o “orgulho” de “ser quem somos” depende dessa participação nas relações de poder?

A polissemia e a opacidade do discurso permitem também uma reflexão sobre a última frase do recorte 9. A expressão “meu trabalho é a minha vida”, considerando a conotação da palavra trabalho utilizada em um contexto de algo que requer esforços e medidas específicas a serem cumpridas sistematicamente visando o sucesso de alguma tarefa específica poderia significar, também, como a vida, em si, é um “trabalho” para a enfermeira Michelli? Ser quem é e alcançar seus objetivos seriam, então, as tarefas a serem cumpridas?

Recorte 10:

Trabalhar no programa (programa de prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis) me faz bem, porque hoje eu sei que eu posso ajudar as pessoas que... tão lá na ponta, sabe, pessoas que de repente não tem acesso à saúde, não tem acesso à educação... (Vivian, 48:00)

Ao falar sobre o trabalho, Vivian o caracteriza como algo que lhe “faz bem”. O que lhe faz bem, de acordo com ela, é saber que tem a possibilidade de ajudar as pessoas que não têm acesso adequado aos serviços de saúde e educação. Percebemos que somente a partir desta posição de trabalho, ela sentiu que podia auxiliar a população (trabalhar no programa/hoje eu sei que eu posso ajudar as pessoas). Ao dizer que “hoje sabe” disso, refletimos: foi necessário ser reconhecida nessa posição para que “soubesse” que podia ajudar de alguma forma? A questão da estabilidade promoveu essa confiança em “saber” que podia ajudar demais pessoas? Afinal, saber que se pode ajudar alguém poderia ser uma concepção simples individualmente, mas o que é necessário, de fato, neste caso? Possuir uma posição socialmente ativa nas relações de trabalho e/ou de poder?

Recorte 11:

Trabalhar no programa de DST/AIDS abriu muitos... muitos espaços pra mim que talvez nem eu acreditava que podia ser aberto (...). Eu passei a ser uma pessoa que era desrespeitada pela maior parte da sociedade, uma pessoa que era marginalizada a aos poucos começar a sentir algum esboço de respeito... em algumas situações, em alguns locais... (Vivian, 49:00)

Vemos, neste recorte, novamente a questão do “espaço”, trazida anteriormente por Michelli. Vivian, neste momento, fala sobre como “talvez nem ela acreditava que podia ser aberto” tal espaço e, ao falar sobre esta abertura, ela a substitui com a noção de respeito e reconhecimento na sociedade. A ausência deste espaço equivale, em seu discurso, à marginalização – um termo relacionado à exclusão, a não participação social. Toda esta “abertura de espaço” é atribuída, por Vivian, ao seu emprego.

Outra referência ao contexto social em seu discurso acontece quando ela diz que “talvez nem eu” acreditava que tal espaço poderia ser aberto. Esta expressão “nem eu” remete ao fato de “não somente eu”, alguém mais duvidava da abertura desse espaço e, “até mesmo” ela. Ela revela a importância do outro nessa relação, a importância de ser reconhecida, respeitada – no caso, a partir daquilo que produz (o trabalho). Esta atribuição, é claro, se relaciona ao contexto sócio-histórico, cultural, ideológico, político e econômico em que ela está inserida: o discurso, o interdiscurso, o sujeito e a produção de sentidos se formando juntos.

Recorte 12:

Quando você vai arrumar um emprego, tá lá na tua RG e nos teus documento seu nome de... de homem, óbvio. E daí eles olham pra você e faz uma cara... daí de repente ela olha pra você fala ‘olha, estamos com uma outra pessoa aqui na frente e tal, se não der certo a gente chama você’, mas cê sente que não vai chamar, entendeu? Então, sabe, eu não quero passar por isso, essas coisas já tá me... me deixou mal, entendeu? Me deixa mal. Então eu faço programa (...). Quando você faz programa cê ganha mais, entendeu, do que você viver ganhando salário... um salário mínimo. (Babi, 50:00)

Os documentos são um meio pelo qual o cidadão se comprova “formalmente” pertencente à sociedade. Eles representam aquilo que ele é perante os demais – e, até recentemente, aquilo que se é (ou não) mediante a concepção dos demais, já que não era facilitada a alteração de nome e gênero documentais no país. Ou seja, aquele que fosse de

alguma forma divergente do que afirma sua documentação, seria trans(gressor), incongruente, inadequado – e, desta forma, “denunciado” àquela sociedade que firmou a concepção da fixidez da identidade de gênero, como reitera a fala de Babi.

Ela menciona, ainda, a questão do salário mínimo e como ganha mais fazendo programa, o que demonstra que a produção e o poder, representados na sociedade pelo símbolo dinheiro, é um fator que gera, de alguma forma, satisfação, pois proporciona uma posição mais ativa nas relações de poder – como pode ser observado no recorte 13:

Recorte 13:

Eu senti que o... que o meu salário era por causa d’eu ser travesti, porque toda vez que eu pedia um aumento, a pessoa me tacava na cara: olha, se quiser cê pode pedir a conta, mas cê sabe que você é travesti, é difícil arrumar emprego. E essas coisas (...) foram me fazendo mal... (Babi – 51:00)

Babi, que é profissional do sexo, já encarou o preconceito em outro local de trabalho e por esse motivo diz exercer, atualmente, tal profissão. A imagem da travesti costuma ser fetichizada, sexualizada e parece um ciclo de vulnerabilidade o fenômeno da travesti ter sua imagem hipersexualizada, não possuir oportunidades de empregos formais devido às estigmatizações e, então, encontrar “uma saída” na prostituição. Essa questão merece maior atenção e parece-nos ser necessário maiores pesquisas a respeito disso. Vivian também comenta a respeito do tema:

Recorte 14:

Eu posso garantir que se... toda travesti tivesse oportunidade de ter um... emprego... eu tenho certeza que a gente veria menos travestis... na prostituição, ou nas coisas erradas que acabam sendo mostrado (...). Eles pouco veem o travesti que trabalha, o travesti que... estuda, né... (...) o padrão é assim: todo travesti é marginal, é profissional do sexo... e acaba fazendo um pacotão e achando que ninguém presta. (Vivian, 54:00)

O discurso de Vivian aborda a relevância e importância da oportunidade de empregos e profissionalização no imaginário da travesti. No entanto, nota-se certa contradição no momento em que ela, também, desvaloriza a imagem destes sujeitos (pouco veem o travesti que trabalha e estuda/pacotão em que ninguém presta). Tornam-se evidentes as variáveis ideológicas, sociais, históricas e culturais na opacidade do discurso, uma vez que as mesmas condições que produzem o discurso daqueles que Vivian critica são reproduzidas por ela – classificando aqueles que exercem alguma profissão/atividade que ela própria não considera ideais, como parte de um “pacotão que ninguém presta”. Ao relacionar a travesti que é profissional do sexo a esse “pacotão”, ela também não estaria persistindo e fortalecendo essa ideia – como se toda travesti que é profissional do sexo realmente “não prestasse” e contribuindo com a manutenção de tal estereótipo?

Por fim, salientando a recorrência do tema “trabalho” permeando os discursos das travestis, o Recorte 15 (também referente à participante Vivian): “Esse trabalho me deu visão, me trouxe reconhecimento pela travesti que sou. Hoje eu me vejo como um indivíduo participativo da sociedade. Eu acho que sou uma cidadã completa hoje” (CASALI, 2012, p. 39). Pode-se inferir que, como ela se considera uma cidadã completa devido ao seu trabalho e o reconhecimento e visão que este lhe trouxe, a falta dele lhe traria, então, a incompletude: o “não ser uma cidadã completa” – conforme uma leitura a partir do não dito e da paráfrase.

A partir das análises deste tema e dos apontamentos teóricos discutidos no decorrer do presente artigo, pôde-se concluir que, em um contexto capitalista, o trabalho, simbolicamente,

é um meio pelo qual o sujeito se vê detentor do poder e participante das relações de poder – ainda que desiguais – capaz de reconhecer e ser reconhecido perante o outro. O trabalho abarca diversos fatores ligados à identidade do sujeito, desde relações econômicas, sociais e políticas, até dimensões pessoais e psíquicas relacionadas à autoestima, ao gênero, autoconceito e também à transferência de energias pulsionais (sublimação – mecanismo de defesa psíquico). Ele, o trabalho, é um meio pelo qual o sujeito se vê ativo na sociedade, em constante relação com o outro e consigo mesmo, a partir de posições discursivas e relações de força, conforme descreve Orlandi (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme noções evidenciadas por Starnino (2016) e Toledo (2018), pode-se considerar que a identidade é formada a partir da relação do sujeito com o outro, com o espaço geográfico e momento sócio-histórico em que está inserido, ou seja, o psiquismo não se constitui isoladamente. Nesse sentido, a noção de identidade não seria considerada estática devido às relações simbólicas, sociais, históricas, culturais etc. É necessário ser reconhecido pelo outro como sujeito e, a partir das trocas relacionais, ocorrem os processos de identificação em que ele é constituído pela linguagem e é inserido na cultura, na sociedade, na Lei – moldam-se os hábitos, as crenças e vê a si mesmo a partir do outro: o psiquismo vai sendo marcado a partir dessas relações.

Retomando a concepção do que é primariamente “feminino” e “masculino” e da identidade de gênero, pode-se pensar que, socialmente, desde a gestação, espera-se o símbolo “pênis” para que haja a marca do sexo (e, seguindo a causalidade sócio-normativa) e gênero, determinadamente. Conforme destaca Toledo (2018), a cultura e o discurso fazem com que um “menino” e uma “menina” sejam criados e tratados de determinadas formas, sempre foi “dito” a eles, no que se pode referir ao Real, aquilo que são. A esse fenômeno também podemos relacionar o que Foucault (1976) denomina “dispositivo da sexualidade”.

No entanto, em nível inconsciente, a elaboração do “masculino” e do “feminino” não é decorrente do sexo enquanto ausência ou presença do pênis, mas sim da posição que o sujeito ocupa perante o falo¹⁵ e às relações e processos identitários. Ter ou não o pênis causa impacto no psiquismo, porém, é a elaboração simbólica do sujeito a partir da anatomia que estará relacionada à sua posição e, também, à identidade de gênero (TOLEDO, 2018).

Nesse sentido, a identidade “transgênero”, referente àquela que “subversivamente”, “trans(gressivamente)”, vai além das concepções normativas de gênero, pode representar uma tentativa de trazer para o Real aquilo que está no plano do Simbólico: o processo inconsciente de identificação com tais noções do “masculino” e “feminino” – geralmente iniciado na infância a partir da relação com figuras que exerçam as funções materna e paterna, como já discutido neste trabalho e também nas pesquisas de Yoshida et al. (2001).

Por esse motivo, precisamos considerar sempre as condições sócio-históricas, culturais e ideológicas que se articulam na noção de identidade, de gênero e de papéis sociais: não se constitui sujeito isoladamente, assim como a identidade não pode ser considerada estanque. Desta maneira, sujeito e sentidos se constituem ao mesmo tempo, visto que ambos estão

15 Na teoria lacanianiana, o falo é o significante estruturador do campo sexual, aquele que dá razão ao desejo, sendo que o sujeito tem acesso a ele por meio do Outro antes mesmo que possa compreender seu sentido. Como melhor abordado por Bonfim (2014), essa relação do sujeito com o falo é estabelecida independentemente da distinção anatômica entre os sexos (BONFIM, 2014).

inseridos em determinado contexto social, histórico, econômico, ideológico, político e religioso, conforme discorre Orlandi (2010). É nesse sentido que procuramos compreender como a identidade de gênero se constitui discursivamente, pela linguagem.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, Cláudia. A construção da Identidade, Auto-conceito e Autonomia em adultos emergentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 137-146, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n1/2175-3539-pee-20-01-00137.pdf>>. Acessado em: 23 jan 2018.

BENEVIDES, Pablo Severiano. Verdade, liberdade e sexualidade em A vontade de saber: uma análise das práticas de confissão como falar de si. **Revista de Ciências Sociais**, n. 38, p. 233-250, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/viewFile/15069/9440>>. Acessado em: 09 jan 2018.

BONFIM, Flávia Gaze. Perspectivas sobre o escrito lacaniano: “a significação do falo”. **Analytica: Revista de Psicanálise**, São João del Rei, v. 3, n. 5, p. 157-182, julho/dezembro, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v3n5/v3n5a09.pdf>>. Acessado em: 03 dez 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASALI, Rodrigo. (Org.). **A esquina de Monalisa**. Apresenta textos, imagens e vídeos sobre o desenvolvimento do projeto “A esquina de Monalisa”. Disponível em: <<http://aesquinademonalisa.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 11 mar 2018.

CASALI, Rodrigo. (Org.). **Documentário: A esquina de Monalisa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=6&v=sedUKL8qSgQ&feature=emb_logo>. Acessado em: 11 de março de 2018.

CASALI, Rodrigo. (Org.). **A esquina de Monalisa**. Botucatu: Sociedade Amigos da Biblioteca Pública Emílio Pedutti, 2012, 60 p.

CAVALCANTE, Larissa Santana. **O conceito trans em meio à nebulosa da sexualidade**. (2014). Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014, 25p. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4218/1/PDF%20-%20Larissa%20Santana%20Cavalcante.pdf>>. Acessado em: 11 mar 2018.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon - Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636/17316>>. Acessado em: 11 mar 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

NOGUEIRA, Luciana. **Discurso, Sujeito e Relações de Trabalho na Contemporaneidade**. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD – 69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

STARNINO, Alexandre. Sobre identidade e identificação em psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jacques Lacan. **Doispontos**:, v. 13, n. 3, 231-249, 2016.

TOLEDO, Marcilena Assis. Anotações de aulas ministradas do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS), Disciplina Psicanálise I, 2º sem. de 2017.

TOLEDO, Marcilena. Anotações de aulas ministradas do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS), Disciplina Psicanálise II, 1º sem. de 2018.

YOSHIDA, Luzia Aparecida Martins et al. Transexualismo: uma visão psicanalítica. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, São Paulo , v. 4, n. 2, p. 92-112, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v4n2/1415-4714-rlpf-4-2-0092.pdf>>. Acessado em: 11 set 2018. 18:38:55.

Artigo recebido em: 02/08/2019

Aprovação final: 03/11/2020

DOI: DOI 10.35501/dissol.vi12.673